

A amante
de Proust

Gilberto Schwartzmann

A amante
de Proust



Editora Sulina

Copyright © Gilberto Schwartzmann, 2022

Capa: Humberto Nunes

Editoração: Niura Fernanda Souza

Revisão: Simone Ceré

Editor: Luis Antônio Paim Gomes

Bibliotecária responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

S399a Schwartzmann, Gilberto
 A amante de Proust/Gilberto Schwartzmann. –
 Porto Alegre: Sulina, 2022.
 390p. ; 14x21 cm.

ISBN: 978-65-5759-056-0

1. Literatura Brasileira – Romance. 2. Romance Brasileiro. I. Título.

CDU: 821.134.3(81)-31

CDD: B869.3

Todos os direitos desta edição são reservados para:
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Rua Leopoldo Bier, 644, 4º andar – Santana

CEP: 90620-100 – Porto Alegre/RS

Fone: (0xx51) 3110.9801

www.editorasulina.com.br

e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Maio/2022

Ao amigo Jorge Alberto Costa e Silva –
talvez Palais.



Como saber até onde vai a minha imaginação? E como separá-la da loucura?”, eu perguntei. Ele respondeu que, juntos, nós iríamos descobrir os limites entre essas duas coisas. O Professor Palais era realmente uma pessoa incrível. Ele sabia ler os meus pensamentos mais íntimos. Não era à toa que todos na França, e no famoso Hospital Pitié-Salpêtrière, de Paris, na virada para o século XX, consideravam-no um grande médico e professor. No começo, eu o achei arrogante e até incompetente. Eu questionava todos os seus diagnósticos. Entretanto, o tempo produziu nele – e imagino que em mim – transformações surpreendentes. Foi ele, o doutorzinho antes irritante, o tal Professor Palais, que resolveu descer de seu “*palais*” e me fez sorrir novamente. Eu passei a ter esperanças no futuro.

Com o passar do tempo, eu comecei a ouvi-lo com mais atenção. Não quero dizer com isso que eu aceitei tão facilmente as suas estapafúrdias obser-

vações e hipóteses diagnósticas, mas aos poucos, eu devo confessar, o Professor Palais me fez repensar muitas coisas. Depois de conhecê-lo melhor, eu entendi também o seu senso de humor. E que senso de humor possuía o Professor Palais! Eu notei que ele adorava metáforas! Como os grandes poetas, ele costumava dizer algo fazendo uso de outra coisa completamente diferente, com a qual ele me fazia entender o que ele queria inicialmente dizer. Por exemplo, se ele tivesse a intenção de me falar sobre a vida e dizer que ela segue o seu rumo de modo independente, ele diria “a vida é como um rio”.

Um dia, eu não recorro exatamente quando, em meio à nossa conversa, ele me convidou para celebrarmos uma boa notícia. E tinha que ver com uma de minhas metáforas. O Professor Palais me convidou para comemorarmos o meu tempo futuro! Ele se tornou tão amável comigo! Sua proposta era que eu desse um melhor destino ao meu “tempo perdido” – como fez Marcel Proust em sua obra-prima, *À la recherche du temps perdu*. Não há romance que se compare a esse, em todo o século XX! Escrever sobre o meu “tempo perdido”, que a mim parecia inútil, e ele me ajudaria a reconquistar, foi maravilhoso! Nós estávamos conversando, como de costume, em seu gabinete, no prestigiado Hospital Pitié-Salpêtrière, quando a sua sorridente secretária adentrou o recinto e nos serviu uma deliciosa fatia de *tarte au citron*.

Nós a degustamos com uma xícara de chá de *darjeeling*, a famosa infusão produzida no norte da Índia.

dia! Não se trata de um encantamento? Isso porque o Professor Palais, na sua cada vez maior e surpreendente doçura, havia se tornado, com o desenrolar do tempo em que convivemos e que eu considerava *perdu*, mais doce do que uma fatia da incrível *tarte au citron*! Essa bendita torta parecia às minhas papilas gustativas a porta de entrada para as sensações mais profundas e deliciosas de meu ser – como as *madelines* de Proust. Antes de iniciar a minha narrativa, eu desejo compartilhar com o leitor o amor que tenho pela leitura e, em especial, pela obra-prima deste grande escritor: Marcel Proust.

Eu já mencionei o quanto adoro *À la recherche du temps perdu*! O escritor passou mais de catorze anos trabalhando na elaboração de sua obra, incluindo mais de um milhão de palavras. Um milhão de palavras! Como ele mesmo afirmou numa entrevista a Joseph-Elie Bois, “o prazer que nos dá um artista é que ele nos faz descobrir um novo universo”. Isso aconteceu em 1913, o mesmo ano da publicação de *Du côté de chez Swann*, primeiro volume de sua obra. Cá entre nós, Joseph-Elie foi um de meus amantes logo que cheguei em Paris. Ele era um jovem repórter do jornal *Le Figaro* e me presenteava com o jornal – uma espécie de pagamento por meus “favores”.

Eu acho que foi o compositor alemão Richard Wagner, no século XIX, quem falou na ideia de “arte total” ou “*gesamtkunstwerk*”. Seria a síntese de todas as artes num mesmo espetáculo, mais ou menos o que ele buscaria com suas óperas. Quantas noites maravilho-

sas eu passei, entrando no teatro, de braços dados com homens sérios e de intermináveis bigodes, que apontavam para o céu, gente que eu mal conhecia e depois levava para passar a noite debaixo do meu dossel, simplesmente pelo prazer de desfrutar – gratuitamente – da “Liebestod”, a ária final da ópera *Tristão e Isolda*. Ela seria o que Wagner chamava “a consumação do amor na morte”. Pessoalmente, eu nunca gostei de espetáculos com finais trágicos, como na história de *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare. Eu sou do tipo que substituiria, sem pestanejar, o “Liebestod” por algo mais alegre, garantindo que o rei Marke, marido de Isolda, na ópera de Wagner, ao contrário do original, nada soubesse de seu amor por Tristão e que o coitado não acabasse assassinado por um dos cavaleiros do rei.

A “arte total” seria como oferecer às pessoas a possibilidade de serem impregnadas por várias formas de expressões artísticas numa mesma obra. Marcel Proust fez isso em *À la recherche du temps perdu*. Além do primor de seu texto literário, da beleza e dos detalhes que ele nos oferece, sobre os elementos existentes na natureza e no intelecto humano, ele soube injetar muito de seu gosto pelas artes.